

Governo Federal, Ministério da Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Iphan, Governo do Estado do Rio de Janeiro, Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro, através da Lei Paulo Gustavo apresentam:

3º FESTIVAL



REALIZAÇÃO E CURADORIA
MÓ COLETIVO
(Carolina Rodrigues, Mariana Maia e Mery Horta)



SUMÁRIO

04. APRESENTAÇÃO
Carolina Rodrigues

06. Carol Nkwana | ArmaDura
Texto de Carolina Rodrigues

08. Jade Maria Zimbra e Luana Garcia | Como Confrontar a Morte?
Texto de Carolina Rodrigues

10. Milu Almeida | Dançando na Materialidade do Café
Texto de Carolina Rodrigues

12. Mery Horta | Lameira
Texto de Carolina Rodrigues

14. Mariana Maia | Ofertar as Águas
Texto de Carolina Rodrigues

16. Rastros de Diógenes | Leitura da corpa que foge, luta y festeja
Texto de Carolina Rodrigues

18. rafael amorim | Comunhão
Texto de Carolina Rodrigues

26. Flaviane Damasceno | Divina
Texto de Mariana Maia

28. Mapô | Tambô
Texto de Mariana Maia

30. Medusa, Coletivo Ankará | Quem dá o sangue e não morre
Texto de Mariana Maia

32. Pitô | Coruja Preta
Texto de Mariana Maia

34. Macedo Griot | Sociedade Secreta dos Tambores Bantus
Texto de Mariana Maia

36. Preta Evelin | Pombagira
Texto de Mariana Maia

38. Preta QueenB Rull | Acredite No seu Axé
Texto de Mariana Maia

40. Quadrilha Junina Estrela Dourada | Uma festa de cor da Índia medieval às festas populares brasileiras, a gente conta a história da criação da chita
Texto de Mariana Maia

48. Thailane Mariotti | 19 Km do Paraíso
Texto de Mery Horta

50. Padê Coletivo | Em ponto riscado, cria não é criado
Texto de Mery Horta

52. Vika Teixeira | Mover-se nas correntezas das memórias
Texto de Mery Horta

54. Jones | Contos do tempo
Texto de Mery Horta

56. Sueka
Texto de Mery Horta

58. Alex Reis | Escavação
Texto de Mery Horta

60. Pajé Rita Tupinambá | Toré
Texto de Mery Horta

64. FICHA TÉCNICA

APRESENTAÇÃO

Governo Federal, Ministério da Cultura, Governo do Estado do Rio de Janeiro, Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro, através de Lei Paulo Gustavo apresentam o **3º Festival Margem Visual: performance periférica**

Por meio de chamada pública com mais de 100 inscrições de artistas da performance de regiões periféricas do Estado do Rio de Janeiro, a curadoria de Carolina Rodrigues, Mariana Maia e Mery Horta selecionou 20 artistas e coletivos, priorizando a diversidade de suportes no campo da performance e as conexões estéticas, poéticas e narrativas entre os trabalhos apresentados. Pela primeira vez, em sua terceira edição, o projeto contou com uma exposição física, além de dois dias de apresentação de performances ao vivo e seminário, ampliando o acesso do público às obras participantes.

Realizar o Festival Margem Visual no Museu da História e da Cultura Afro-Brasileira, no território da Pequena África, é como retornar ao núcleo irradiador de todas as Áfricas que se infiltraram em nossas existências. É trazer camadas de significados que hora potencializam e hora subvertem os sentidos de obras que visam produzir movimentos insurgentes no campo das artes visuais. A periferia do Centro do Rio de Janeiro, um local de tentativa de soterramento de memórias e que, hoje, investe em uma intensa arqueologia material, intelectual, sagrada e filosófica, se torna um ambiente fértil para que possamos refletir sobre os passos que nos trouxeram até aqui, aqueles que trilhamos no agora e os percursos que projetamos para o porvir.

Partimos do entendimento de que as categorizações aplicadas aos territórios escondem hierarquias que são, frequentemente, aplicadas às pessoas. A periferia não é um processo natural, mas sim, o resultado de um projeto de poder que moldou o território de forma a empurrar certas coletividades para espaços com menor acesso a bens e serviços, precarizando sua qualidade de vida. Essa estratificação, longe de ser inocente, reflete questões étnico-raciais, de gênero, de orientação afetivo-sexual e de acessibilidades. Aquilo que é entendido como margem, portanto, diz respeito ao repertório da maior parte da população, à diversidade e multivocalidade que compõe o imaginário que paira nos cotidianos dos transportes públicos, nas jornadas de trabalho, nas casas suburbanas e demais espaços de convívio.

Falar sobre pluralidade de pensamentos, referenciais estéticos e das múltiplas abordagens críticas a partir das linguagens da performance é suspender as fronteiras territoriais e subverter o paradigma da simplificação no qual tentaram nos posicionar. É perceber como um corpo movente pode transitar entre tempos e reorganizar as memórias que devem ser registradas e as visualidades que devem ser contempladas nos espaços de arte e de cultura.

Nas próximas páginas, entraremos em contato com o repertório poético de Pajé Rita Tupinambá, Rafael Amorim, Sueka, Preta Evelin, Milu Almeida, Mery Horta, Flaviane Damasceno, Medusa Yoni, Thailane Mariotti, Jones, Carol Nkwana, Vika Teixeira, Jade Maria Zimbra e Luana Garcia, Padê Coletivo, Rastros de Diógenes, Mariana Maia, Mapô, Pitô, Alex Reis, Macedo Griot, Preta Queen B Rull e Quadrilha Junina Estrela Dourada, com registros da exposição que aconteceu na Sala Mercedes Baptista no MUHCAB de 3 de agosto a 22 de setembro de 2024, assim como as apresentações das performances que aconteceram nos dias 3 e 10 de agosto. Cada obra presente no Festival, conta com um breve texto elaborado por uma das curadoras, conectando a pesquisa curatorial às discussões apresentadas pelos artistas.

Por meio de performances ao vivo, em fotografias, em vídeos ou instalativas de diferentes localidades que sofreram um processo de periferização, conseguimos acessar narrativas fantásticas, fabulações libertadoras, encantarias de proteção, sensorialidades distintas e distopias inexplicavelmente familiares. É retirando a objetividade das imagens cotidianas e apostando na margem do olhar que conseguimos encontrar o que há de mais fascinante em nossas vivências.

Carolina Rodrigues



CAROL NKWANA

ArmaDura

Carol Nakwana entra em cena carregando uma boneca negra repleta de alvos brancos. Alvos do racismo e do genocídio histórico que ainda atinge jovens negros cotidianamente. Inicia, então, um ritual de defesa com ervas sagradas das matrizes afro-diaspóricas, aquelas que, como a própria artista afirma, servem para limpar, para benzer, para apaziguar, para abrir caminho, para aterrarr, para cortar. Em uma bacia de alumínio, lava seu bebê com sabão da costa, as ervas e uma bucha vegetal, limpando delicadamente suas chagas. Esse cuidado se amplia para os presentes, a quem direciona os gestos de bênção com suas ervas maceradas. Um maternar expandido se encena, assim como o das mães e tias que garantiram a sobrevivência dos valores socioculturais vindos de África, nos amparando em meio às investidas da violência colonial. Ao finalizar seu ritual, com uma defumação em dança circular, Nakwana garante uma armadura para si, para todos à sua volta e, principalmente, para a preciosidade que cresce em seu ventre, amparada nessa aura de proteção.

- Carolina Rodrigues



JADE MARIA ZIMBRA E LUANA GARCIA

Como Confrontar a Morte?

Jade Maria Zimbra e Luana Garcia exploram as possibilidades de mergulho na profundidade da existência de uma entidade que reúne tantas confluências com as vidas cotidianas dos seres que habitam lugares designados como periferias. Chegando ao extremo da consciência, a personagem principal de sua narrativa fantástica atravessa portais e atinge transmutações tão inerentes às nossas necessidades de adaptação para enfrentar os desafios da vida. As limitações de um ambiente doméstico abrem caminho para desafiar os limites da mente, da matéria e das dimensões que coexistem enquanto buscamos desvelar os segredos contidos nas sombras mais densas. Ao entrar em contato com a trajetória de uma exploração tão íntima, para dentro e para fora, de uma alquimista que hora é Quimera e hora é Eremita, podemos acessar a extensão imensurável das cosmopercepções possíveis nas bordas territoriais, que encontra a vitalidade naquilo que foi desacreditado. Afinal, o direito à fabulação, à escrita e às ficções seria uma forma de confrontar a morte?

- Carolina Rodrigues

Como Confrontar a Morte?
Jade Maria Zimbra e Luana Garcia
Fotoperformance
Vassoura, ervas secas, vasos de barro,
plantas, esculturas de ferro, tronco de
árvore, lança e lâmpada
Impressão em FineArt papel Canson
100% algodão
30 x 20 cm
2024





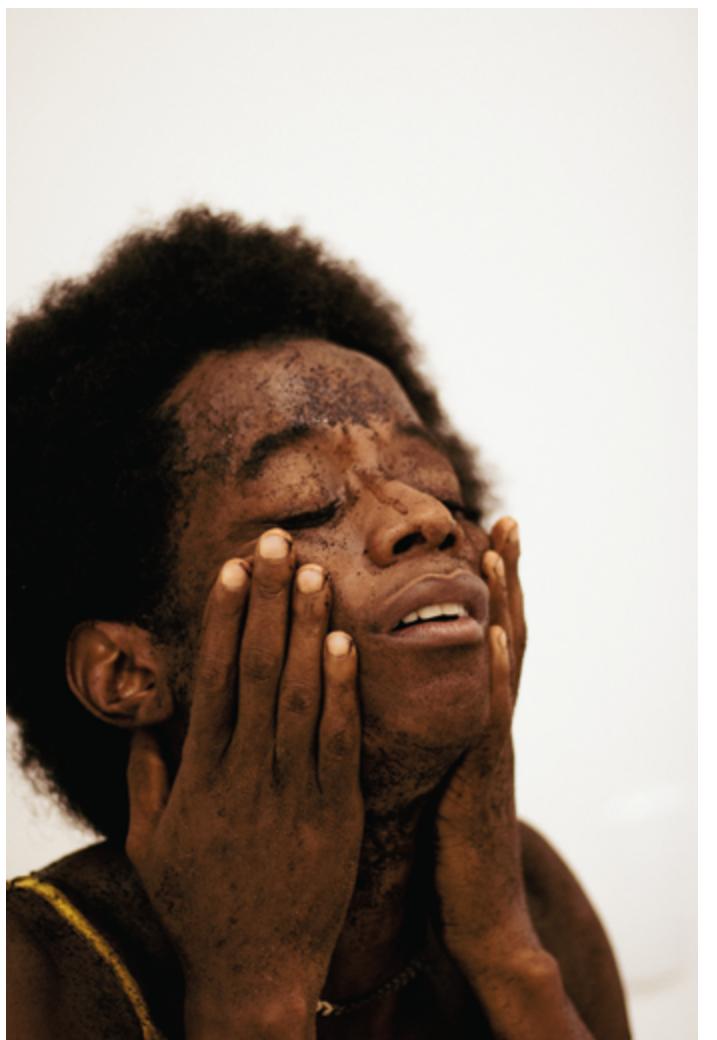
MILU ALMEIDA

Dançando na Materialidade do Café

Despertando sensorialidades e movimentos por meio de imagens, Milu Almeida evoca um elemento que integra diversas iconografias históricas na vida de pessoas negras. O café, essa substância que justificou por tanto tempo o sequestro e trabalho forçado de pessoas negras para o prazer dos algozes do Norte Global, tem sua história subvertida. Se nossas ações do presente podem dignificar o nosso passado, Milu reivindica uma relação de prazer com essa matéria. Utilizando a borra de café, um resíduo que permanece após a extração do líquido para o ritual matinal cotidiano que hoje também pertence às coletividades negras, a artista escolhe se integrar à matéria. Em uma série de fotografias que nos fazem enxergar de perto suas expressões, seus movimentos e o seu êxtase, quase nos faz sentir a umidade, a textura arenosa e esse cheiro tão familiar, nos conduzindo de volta aos nossos lares.

- Carolina Rodrigues

Dançando na Materialidade do Café
Milu Almeida
foto Farley de Souza
Fotoperformance com café
Borra de café
Impressão em FineArt papel Canson
100% algodão
Dimensões 45 x 30 cm, 45 x 30 cm,
60 x 40 cm, 40 x 60 cm
2023





MERY HORTA

Lameira

Um corpo que carrega um elemento que ampara a vida. Que repete suas formas, fabula seus movimentos, que dança com suas curvas e sustenta seu peso. Um corpo que se ruboriza, que piranguece quando seus fluidos entram em contato com as sementes da terra vermelha. Em sua investigação sobre as materialidades que compõem o dentro e o fora das corporeidades das cosmogonias afro-indígenas, Mery hora propõe uma confluência entre a matéria humana e elementos significativos para as ancestralidades que firmaram as matrizes de pensamento do Sul Global, como o Urucum. Concebendo pequenos corpos esféricos que orbitam no espaço, a artista materializa um pensamento cílico que propõe a retroalimentação entre o ato performático e o fazer escultórico, promovendo um encantamento de mundo profundamente comprometido com as fecundações que acontecem nos territórios mais extremos.

- Carolina Rodrigues

Lameira
Mery Horta
Instalação com esculturas ativadas por
performance ao vivo
Madeira, urucum, cabelo, tecido, cerâmica fria
Vestido criado por **Mery Horta e Conceição Horta**
2024



MARIANA MAIA

Ofertar as Águas

Em um ambiente luxuoso, Mariana Maia faz uma entrega. Empresta a fluidez das águas aos lenços que um dia foram símbolos de status e neles imprime símbolos sagrados de matriz africana presentes em objetos que foram cooptados de suas funções sociais e ritualísticas para decorar lares burgueses. Recupera a essência presente nesses ícones e os reintegra à sua existência através de um suave contato com seu corpo. Reivindica a abundância e a prosperidade presente nas correntezas de Oxum, redirecionando seus fluxos para um destino mais justo: o da verdadeira herdeira de todas as riquezas ali presentes. As águas que oferta são, portanto, aquelas que atravessaram sua trajetória: o ser, o tempo, a memória, a dor e a glória.

- Carolina Rodrigues



Ofertar As Águas
Mariana Maia
Videoperformance
4 min 58 seg
2024



RASTROS DE DIÓGENES

Leitura da corpa que foge, luta y festeja



A entrada acontece com um gesto de oferta. Cada pessoa do público tem a oportunidade de aquecer a garganta com uma dose de cachaça: a encantaria invadindo os corpos antes de aguçar suas percepções. A voz de “l3n1r4”, persona de Rastros de Diógenes, ecoa pela praça Madame Satã. Uma renda encobrindo seu rosto não impede o fluir de suas palavras, entoadas entre cantos e leituras. Elementos de matriz afro-indígena compõem a cena e a sensorialidade também abarca os cheiros, aquele sentido que mais aflora a memória afetiva e abre as possibilidades de acessar passados que talvez não tenham sido plenamente vividos. A aparição lança histórias, proposições, gestos de reivindicação da afirmação de uma perspectiva contra-colonial. Brada contra o genocídio material e simbólico, fabula cenários diversos e deixa mensagens que continuam ecoando por salas, pátios e corredores do MUHCAB.

- Carolina Rodrigues





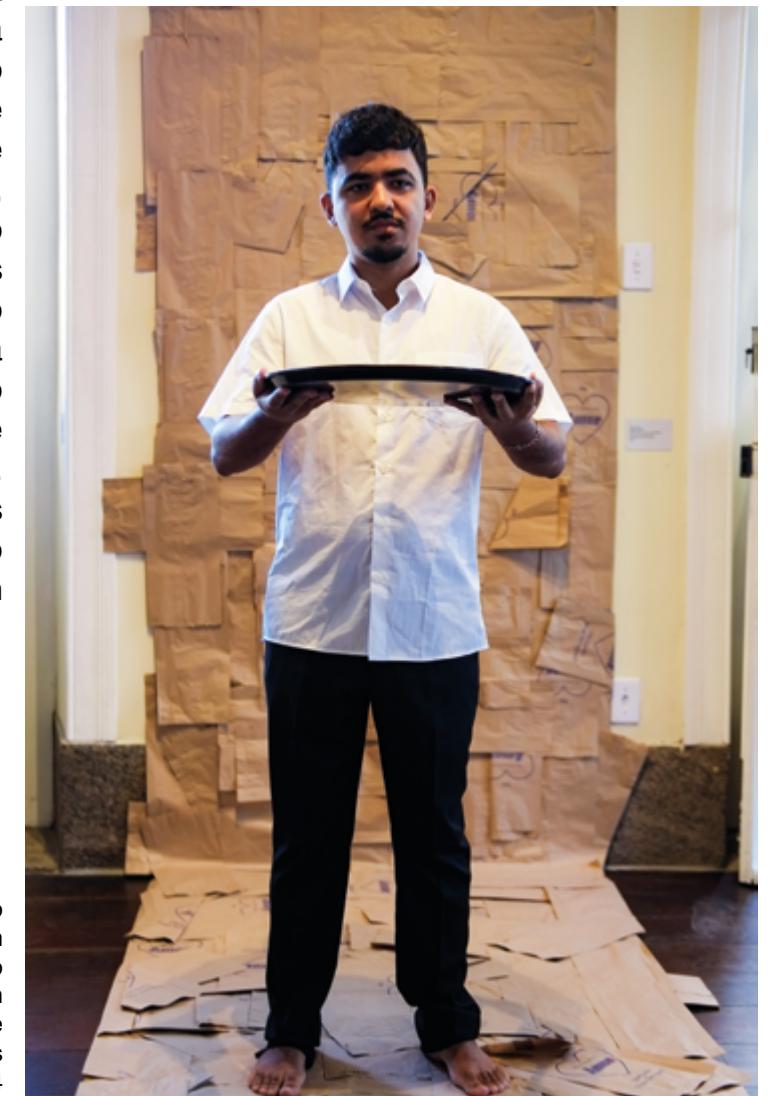
RAFAEL AMORIM

Comunhão

rafael amorim mobiliza elementos que compõem o repertório estético, sensorial, palatável e nutritivo das famílias suburbanas para compor uma instalação que transporta o cotidiano para o ambiente expositivo. Se o pão com ovo foi por tantas vezes utilizado como ícone de chacota para o pressões de classe ou para desqualificar performances de gênero, aqui o artista o transforma em um elo para o encontro, a oferta e a comunhão. O alimento que tanto sustenta estudantes e trabalhadores em sua lida diária é oferecido com pompa e dignidade, diante do olhar afetuoso e do prazer em alimentar os visitantes da exposição. Se esse trabalho poderia ser entendido como uma crítica em outros contextos, no MUHCAB se torna um gesto de acolhimento entre os nossos. Afinal, como bem sinalizam as embalagens que compõem o cenário: aqui, tudo é feito com muito amor.

- Carolina Rodrigues

Comunhão
rafael amorim
Instalação
223 x 115 cm
Registros de performance
Materiais variados
2024



Seminário
3 de agosto de 2024



Seminário
3 de agosto de 2024





Seminário
10 de agosto de 2024

FLAVIANE DAMASCENO

Divina



Um ambiente doméstico, uma rotina, uma mãe, uma reza e imagens de recordação: um cenário mágico. O colo que sustenta afetos, memórias e gestos de proteção. A dança enquanto gesto de reivindicação da subversão do tempo e do contraponto à lógica capitalista que comanda o funcionamento dos nossos lares. As mãos que banham e criam uma atmosfera de alívio do peso cotidiano. Nesta videoperformance, Flaviane Damasceno transforma sua mãe, Wilma Bento, em uma divindade capaz de transmutar o tempo e desestabilizar os pilares da realidade, transformando o ambiente doméstico em um terreno fértil para a fabulação de estratégias para uma existência onde apenas os recursos afetivos e sagrados são fundamentais para a garantia da manutenção da vida.

- Carolina Rodrigues

DIVINA
Flaviane Damasceno
performer Wilma Bento
Videoperformance com
elementos de
live action e efeitos visuais
sutis para capturar a
transmutação do tempo e
da memória.
Corpo e Memória
1min
2024





MAPÔ Tambô

Os toques do atabaque convocam os ancestrais a tomarem os corpos, mostrando uma conexão antiga e eterna. Mapô tocou o ‘tambô’ com o *orí* (cabeça) e traçou um caminho pelas ruas da Pequena África. Nas religiões de matriz africana acredita-se que o *orí* deve estar equilibrado para atrair o melhor *odu* (destino). Mapô equilibra o ‘tambô’ e traz a memória das pessoas negras que viveram, lutaram e morreram nesse território. Cantando, Mapô caminha da Rua do Cemitério (Rua Pedro Ernesto), passando pelas Barricadas da Vacina (Praça da Harmonia) até o Cais do Valongo. Traz à tona o descarte de corpos negros, a luta do capoeirista Prata Preta e o cais que mais recebeu pessoas vindas da África. A imensidão e a potência da história da diáspora negra ganham vida em um ‘tambô’ que se ergue ao céu. O ‘tambô’ é vivo, elo com o divino. Em performance Mapô nos faz sentir pertencentes a uma roda, onde passado, presente e futuro dançam juntos, território de encontro com o sagrado.

- Mariana Maia

Tambô
Mapô
Performance ao vivo
2024

Rompi (atabaque médio)
cinza claro
Fio de contas Yemanjá
2024





MEDUSA, COLETIVO ANKARÁ

Quem dá o sangue e não morre

Vendedores ambulantes ou camelôs transitam pelas ruas do Rio hoje e ontem. Em sua maioria corpos negros em trânsito, carregando pesados fardos, tão semelhantes a outros, retratados em gravuras de Debret e Rugendas, em fotografias do século XIX. Eles ganham a vida vendendo mercadorias de pouco valor. Medusa carrega um gancho de camelô, parecido com aqueles de balas doces. Pisando forte o chão, ela carrega um gancho de sangue. Ao som de atabaques, ela realiza uma caminhada ritmada levando como mercadoria o *ejé* (sangue). Nas religiões de matriz africana o *ejé* tem muito valor. Aspergimos o sangue de animais sobre corpos e objetos sagrados, esse é um ritual de renovação da vida e potencialização do *asé* (energia vital). Medusa performa “Dei o sangue”, expressão que faz referência ao trabalho árduo. Ela caminha em direção a uma estrutura onde lemos a frase “Vende-se um sonho” em lames. No ritual proposto pela artista o sangue é a moeda de troca. Medusa convoca o público a refletir nas encruzadas de *Esú*, sobre o que é necessário para realizarmos nossos sonhos.

- Mariana Maia

Quem dá o sangue e não morre
Medusa, Coletivo Ankará
Instalação com escultura ativada
por performance ao vivo
Bacia, plástico, pigmento líquido,
corrente de aço
2024



PITÔ Coruja Preta

As pombagiras são entidades da religião afrobrasileira Umbanda. A quem as conecte a Bombojira dos Bantos, inkisi (divindade) da nação Angola. A versão feminina de Esú, a potência das encruzilhadas. As pombagiras são muitas. Pitô chama Maria Mulambo. Ele canta “Coruja Preta, eu tô lhe chamando”. A noite é o domínio das corujas, símbolo de sabedoria. Maria Mulambo aparece em terreiros brasileiros trazendo conhecimento e ajudando, principalmente, aqueles que têm problemas amorosos. Ela bebe marafo (bebida alcoólica), fuma charuto e adora vestir cetim. Pitô acende uma vela e faz Mulambo incorporar na cena, construindo uma saia a partir de cetim que queima com um ferro de passar roupas. A saia que surge da ação é enbebida em cachaça e defumada com um charuto. Pitô sacode a saia entidade. O ar é preenchido pelo cheiro da cachaça. Em um exercício de imaginação, Mulambo parece dançar através das mãos de Pitô. A saia entidade vira arte suspensa na exposição. O artista faz uma oferenda de alfinetes. Maria Mulambo e Pitô nos ensinam sobre os caminhos possíveis de uma arte afro diaspórica.

- Mariana Maia



Coruja Preta
Pitô
Instalação com escultura
ativada por performance
ao vivo
Tecido, Ferro, Madeira,
Vidro, Cachaça,
Sino, Charuto, Fósforo
2024





MACEDO GRIOT

Sociedade Secreta dos Tambores Bantus

Macedo performa a griotagem. Os *Griots* são contadores de histórias. Através da transmissão oral, os *griots* promovem saberes ancestrais africanos. Macedo Griot chega com um cajado, como um pastor que ensinará as ovelhas a se protegerem de lobos. Ele canta e conta sobre “nidaka de afofô”, uma estratégia de sobrevivência, também chamada de fofoca. O artista nos enreda em seu conto ficcional, abordando a história do Brasil de uma forma única e interessantíssima. Personagens reais e fictícios nos dão notícias sobre as lutas negras e uma rede de cooperação que tornou a vida possível no Brasil. O performer interage com o público e nos torna cúmplices de sua interpretação da história do país, que parece ser mais verdadeira e sábia que de renomados historiadores. Em uma virada decolonial, os personagens negros são protagonistas da história. Comendo nossos algozes na fofoca, superamos dificuldades e caminhamos em direção à liberdade.

- Mariana Maia



PRETA EVELIN Pombagira

Preta Evelin performa uma entidade conhecida como Pombagira da Rosa Vermelha. Da língua quimbundo, *pambu-a-njila* significa encruzilhada. As pombagiras são as donas dos caminhos, senhoras do próprio destino, mostram atitude e sensualidade. Nos terreiros, os pontos cantam suas características e histórias. “De vestido vermelho, com uma rosa na mão, seu feitiço é ligeiro, pra quem tem bom coração.” Preta Evelin, em uma performance de longa duração, lançou seu encantamento, transitou no espaço do museu e arredores, adentrou outras ações e passou despercebida. A artista vestida de vermelho levava os símbolos da pombagira, rosa, vela, bebida. Distribuiu balas e pirulitos, adoçando a boca do público. Na religião Umbanda, as pombagiras dão consultas, oferecendo conselhos. Preta Evelyn e Rosa Vermelha nos ensinam sobre a potência feminina. A rosa, símbolo de paixão, nas mãos de Evelin é amor próprio. A artista utiliza a estética de macumba para ensinar sobre o que pode uma mulher negra.

- Mariana Maia



PRETA QUEENB RULL

Acredite No seu Axé



A performance drag de Preta QueenB Rull canta, no ritmo do funk, sobre o *asé*, a energia vital presente em todas as coisas. O show com DJ e duas dançarinas foi repleto de vitalidade conectada ao vogue e à cena Ballroom. Na letra a artista fala sobre como o *asé* nos leva a conquistas e garante proteção. A artista é criada da favela da Maré, LGBTQIAPN+ e preta, um corpo em constante risco no Brasil. Acreditar no *axé* é um importante mecanismo de empoderamento e celebração da vida. Transbordando poder e beleza, a artista fez todos dançarem no ritmo de letras que abordam orgulho, luta e a própria história. Rebolando até o chão, fazendo passos incríveis, atingindo notas musicais altas, Preta QueenB Rull nos ensina sobre as religiões de matriz africana e nos mostra um show de drag lindíssimo. Todo o risco de vida é afastado para longe na alegria da apresentação. Preta QueenB Rull confere atualidade aos ensinamentos ancestrais, provando que o conceito do *asé* pode atravessar o tempo e transformar todas as vidas.

- Mariana Maia





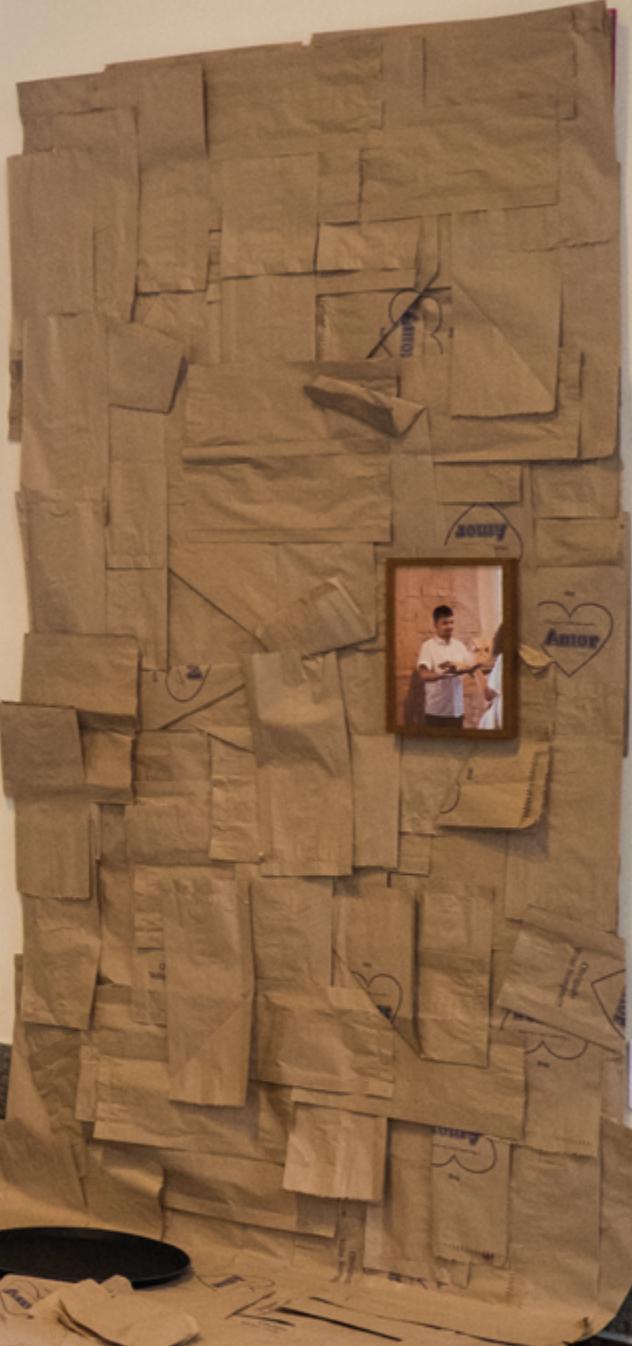
QUADRILHA JUNINA ESTRELA DOURADA

Uma festa de cor da Índia medieval às festas populares brasileiras, a gente conta a história da criação da chita

A Quadrilha Junina Estrela Dourada é um tradicional grupo da região da Gamboa. Os diversos componentes performaram a popular dança de quadrilha, contando a história da chita. Assim como o tecido que surgiu na Índia e chegou ao Brasil, a festa realizada pela Estrela Dourada era repleta de cor. Roupas lindíssimas, cheias de brilho e conectadas à história. Os performers demonstravam muita energia a cada passo, transbordando para o público que dançava junto. As festas juninas são uma celebração associada a diversos santos católicos e são mais potentes na região nordeste do país. Elas celebram a fartura e as boas colheitas. A origem da folia remonta ao solstício de verão europeu e está ligada à celebração da vida e da fertilidade. Em uma tradicional quadrilha temos o noivo e a noiva lembrando a importância do amor. Estrela Dourada enalteceu a potência da vida em uma de nossas mais queridas manifestações populares. Ver a quadrilha junina na esfera da performance é reconhecer uma epistemologia do corpo, que ocorre de forma única no território brasileiro.

- Mariana Maia









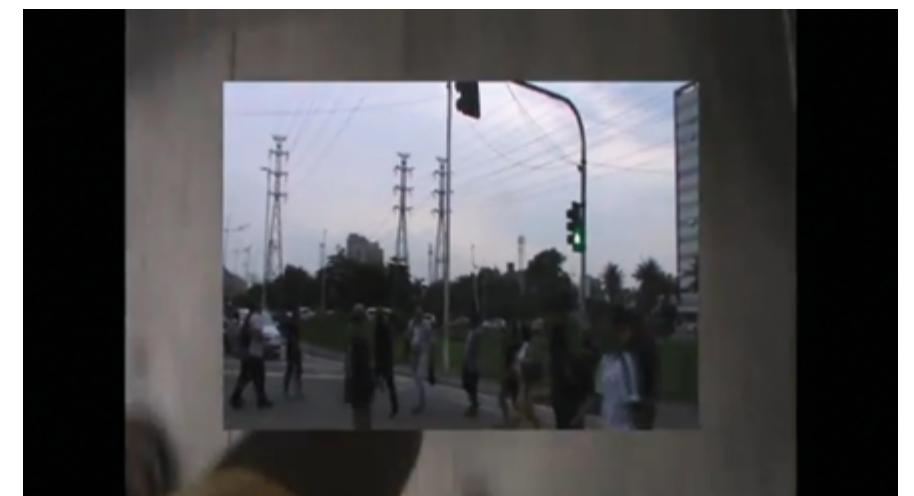
THAILANE MARIOTTI 19 Km do Paraíso



Trem, van, passarela, paisagens recortadas e remontadas de um subúrbio. Vemos pessoas em ritmo e fluxo constante de passagem entre trabalho, estudo, compras, e, em meio a isso, Thailane se pergunta sobre o Paraíso. A artista quebra a incessante agitação dessa rotina citadina ao nos transportar para o Paraíso, primeiro enquanto ideia. O que é o paraíso para cada um de nós? Thailane logo nos situa que Paraíso é com "P" maiúsculo. Paraíso é baixada fluminense, é Nova Iguaçu. Sua ironia com a palavra que simbolicamente remete a um lugar etéreo bíblico que existe na fé e no imaginário da humanidade há milênios, é rearranjada no caos suburbano pela substância concreta da van que carrega o nome em letreiro luminoso: PARAÍSO. Na videoperformance, a artista orquestra elementos visuais e sonoros do trajeto pelos transportes públicos em uma edição e montagem de recortes dinâmicos como o próprio ritmo desse cotidiano em que às vezes viajamos por um segundo reimaginando os locais da nossa existência.

- Mery Horta

19km do Paraíso
Thailane Mariotti
edição e montagem
Sandro Garcia
Videoperformance
1min
2022



Padê Coletivo

Em ponto riscado, cria não é criado



O caminho de um cidadão periférico comum é uma constante peregrinação

Os pés nos guiam por escadarias que parecem não ter fim, por becos, ruas estreias, vielas. Os pés aos poucos se transformam em corpo, que como em uma dança de microgestos revela cada cenário e personagem dessa história vivida. Vivo entre fé, espiritualidade no dia-a-dia, vivo são os passos firmes de quem pisa no território periférico. Enquanto acompanhamos um dos artistas do Padê Coletivo se deslocar pelos espaços da comunidade dos Tabajaras em Niterói vemos os caminhos se encherem de vida, o invisível se manifestando através do corpo. Na videoperformance, as artistas nos guiam, nos conduzem por esses caminhos como se nossa presença acompanhasse de perto o cotidiano desse território e dessas pessoas que ali vivem. Vemos um pedaço da espiral do cotidiano e somos convidados a completá-la.

- Mery Horta

Em ponto riscado,
cria não é criado
Padê Coletivo
Videoperformance
2min 11seg
2024



sou o resultado do movimento e da memória de um grande organismo

VIKA TEIXEIRA

Mover-se nas correntezas das memórias



Para toda lembrança, esquecimento. Para cada onda que banha a bandeira de Vika Teixeira, um fluxo de memória se desencadeia. O mar, palavra-movimento que tanto encanta, tanto apavora, é o que beija, abençoa, renova o corpo da artista e nos lembra que ele também é morada. Corpo, morada de memória. Na série de fotoperformances, a artista abre a bandeira como uma sinalização: é importante lembrar, mesmo na correnteza. Vika constrói como poesia uma sequência de imagens que dá acesso à imensidão, seja do vazio do corpo que deixa bandeira caída, seja do monte de areia na sua instalação que talvez tenha milhões de grãos se nos aventurarmos a contar. Águas de Piratininga, mas também de outros mares que são lembrados ou que são a própria lembrança, o próprio grão de memória.

- Mery Horta

Mover-se nas correntezas
das memórias
Vika Teixeira
Instalação com
fotoperformance
Sublimação em tecido,
costura, juta,
cetim, porção de areia,
conchas, búzios
Impressão em FineArt
papel Canson
100% algodão
40 x 60 cm
2023



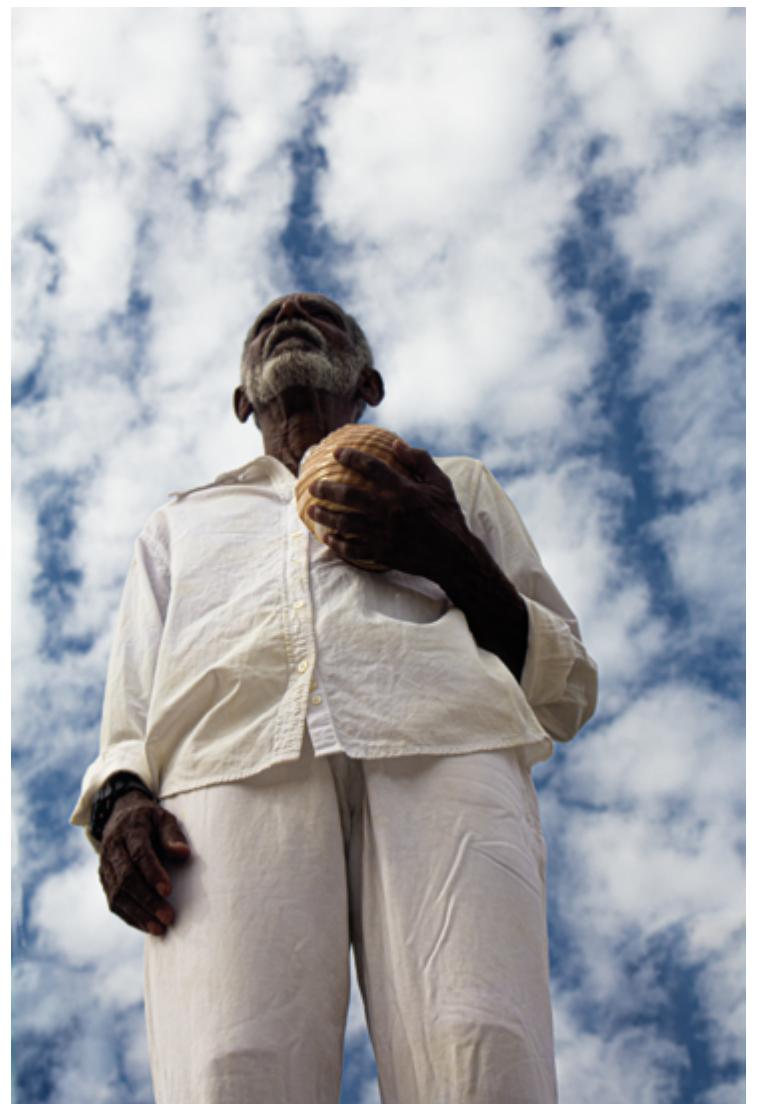
JONES

Contos do tempo

Um velho marinheiro, um pescador, o próprio tempo. Jones convida seu pai Sancler Jones para performar nessa série de fotografias no mar da comunidade da Maré. Esse senhor negro de olhar profundo que encara o horizonte suspende o tempo, faz coabitar memórias e fabulações. Um olhar mais atento e ouvimos o barulho das ondas, seja pela concha que o performer segura na mão, seja pela própria evocação da imagem. Ondas que parecem ser a continuidade das pernas desse ser mitológico, dessa entidade que paira sobre as águas, do tempo que é corporificado pela figura do pai da artista. Talvez vemos nele a materialização do tempo de Jones, um tempo do mar, das memórias, da sabedoria de um ancestral. Vemos filmes, livros, histórias, contos mil que são transformados pela artista na imagem poética de seu pai ao performar na Maré e nos faz lembrar que Maré é água, Maré também é mar.

- Mery Horta

Contos Do Tempo
Jones
performer **Sancler Jones**
Fotoperformance
Concha
Impressão em FineArt papel
Canson 100% algodão
45 x 30 cm
2023



SUEKA (foto - Ilon Max)



Sueka cria uma ruptura na urgência cotidiana, desloca a imagem de um possível realismo suburbano. A artista, que performa para o fotógrafo Ilon Max nos trens e estações do Rio, entre Baixada e Centro, transborda o sentido do real e o toma para si. Como uma sereia, um ser aquático, Sueka molha o percurso da vida no transporte público. Se todos voltam seus olhares para baixo e se inclinam para a tela do celular, Sueka deságua para o chão, como uma cachoeira em movimento de passagem. Na série de três fotoperformances, acompanhamos as aparições e o olhar dessa figura das águas que nos dá a direção do caminho: Japeri. Olhar em direção à Baixada, não, ao Centro. Ela encara ao longe como se brindasse à estação com sua presença desviante. O desvio é o sentido, o caminho. Desviar pensamento, desviar o curso das águas, fazer chover da terra pro céu, tornar visível uma microscópica gotícula como pessoa, assim fabulam os artistas em meio à urgência do real.

- Mery Horta

Sueka
foto Ilon Max
Fotoperformance
Foto digital, impressão em
FineArt
papel Canson 100% algodão
94 x 63 cm
2024



ALEX REIS

Escavação



Ser arqueólogo de si. Buscar no passado a pulsação do presente. Nessa viodeperformance de Alex Reis o ato de cavar é como um trazer a ver, cavucar memórias de antepassados para encontrar a si mesmo. Ver nos olhos de outros homens e mulheres negros um olhar para dentro e para fora ao mesmo tempo. Realizando ações e dançando no território da Pequena África, Gamboa, Alex constrói um encontro com o passado através do presente, revolvendo a terra em camadas de lembrança desses antepassados que desembarcaram de modo forçado naquela região séculos atrás, trazendo seu axé e criando tecnologias de resistência de vida que hoje celebramos como ancestrais. Em Escavação, Alex dá ar ao chão que pisa, riscando com o samba e celebrando os que antes ali pisaram. Saravá às memórias dos que ali chegaram e viveram para que hoje possamos fazer arte como modo de reencantamento desse território.

- Mery Horta

Escavação
Alex Reis
Videoperformance
5 min
2023



PAJÉ RITA TUPINAMBÁ

Toré



Uma manhã de céu azul profundo recebeu a firmeza dos passos e dos gestos da Pajé. Em uma cuidadosa organização ritualística, suas mãos brindaram o chão do pátio principal do MUHCAB com objetos, incensos, folhas de plantas e maracás. Com um arranjo em forma de mandala disposto no chão e em meio à fumaça, a Pajé Rita Tupinambá e suas parentes recebiam o público que ali chegava. A fumaça de descarrego inundou o MUHCAB nos conectando com a energia do ritual através do olfato. Para dar continuidade, a Pajé reuniu todes em uma grande roda e, aos poucos, cantando para benzer, conduziu uma defumação em cada uma das pessoas presentes. Ali o público já estava envolto, já era a própria performance, o próprio ritual. A pajelança se manifestou através de Rita e avançou como uma grande gira dando passagem às energias pesadas que ali estavam. O MUHCAB e todes presentes receberam bênçãos vindas da terra, pisando forte e girando na grande roda ao som dos cânticos das três mulheres lideradas pela Pajé. Em Toré, a energia dessa guerreira curandeira se manifestou através da fumaça, do canto, da dança, do comunal, e, como uma tradição de longa data, a ancestralidade indígena brasileira mais uma vez umbigou com a ancestralidade afro-brasileira.

- Mery Horta



FICHA TÉCNICA



Mó Coletivo

Realização
Mó Coletivo

Direção artística e organização do catálogo
Mery Horta

Coordenação de curadoria e produção
Carolina Rodrigues

Curadoria e textos do catálogo
Carolina Rodrigues, Mariana Maia e Mery Horta

Artistas/coletivos de arte
Pajé Rita Tupinambá, Rafael Amorim, Sueka, Preta Evelin, Milu Almeida, Flaviane Damasceno, Medusa Yoni, Thailane Mariotti, Jones, Carol Nkwana, Vika Teixeira, Jade Maria e Luana Garcia, Padê Coletivo, Rastros de Diógenes, Mapô, Pitô, Alex Reis, Macedo Griot, Quadrilha Junina Estrela Dourada, Mariana Maia, Mery Horta, Preta Queen B Rull

Assistentes de produção
Ramon Alcântara e Leandro Bacellar

Expografia
Melissa Alves

Designer
Thiago Fernandes

Mediadores
Matheus Valadão e Carlos Eduardo Cassiano

Fotografia e vídeo
Thayná Uràz

Audiodescrição
All Dub Estúdio

Assessoria de imprensa
Marrom Glacê

Intérpretes de LIBRAS
Árvore Vicente, Felipe Brum e Juliette Viana

Consultora de acessibilidade
Júlia Mayer

Revisor dos textos do catálogo
Ramon Castellano

Apoio



Realização



3º FESTIVAL



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

3º Festival Margem Visual : performance periférica /
realização e curadoria Mó Coletivo (Carolina
Rodrigues, Mariana Maia e Mery Horta). --
Rio de Janeiro : Ed. dos Autores, 2024.

Vários autores.
ISBN 978-65-01-13909-8

1. Artes 2. Crítica de arte 3. Performance (Arte)
- Exposições 4. Periferias urbanas I. Rodrigues,
Carolina. II. Maia, Mariana. III. Horta, Mery.

24-225252

CDD-701.18092

Índices para catálogo sistemático:

1. Artes : Críticos 701.18092

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129